

Um passeio pelo Parque Farroupilha e pela Exposição do Centenário

A walk around the Farroupilha Park and the Centennial Exhibition

Marlise M. Giovanaz

Resumo

Este trabalho se propõe a analisar um dos mais importantes lugares de memória da cidade de Porto Alegre, o Parque Farroupilha, e traçar sua história no tempo, desde as primeiras notícias até quando se esboça sua forma atual, o ano de 1935, com a Exposição do Centenário Farroupilha. Procurarei também elucidar o momento da exposição para melhor compreender a história da cidade e também do Estado neste momento, quando o Parque faz a vitrine do Rio Grande do Sul. Ao fazermos um recorte geográfico (um parque da cidade) e temporal tão claro, corremos o risco de tornar nossos escritos uma simples organização de datas e de nomes. Para evitar este caminho, preferi a idéia de construir um ensaio.

Palavras-chave: comemorações, memória, identidade.

Abstract

This work intends to analyse one of the most important memory places in the city of Porto Alegre, the Farroupilha Park, and to trace its history through time, from the beginning until its present form, the year of 1935 and the exposition of the Farroupilha centennial. The text attempts to elucidate the moment of the exposition for a better understanding of the city and the state history at that time, when the park was in full evidence. To avoid the risks of turning this text into a simple arrangement of names and historical dates, I chose to write an essay.

Key words: celebration, memory, identity.

A história de uma cidade é composta por um sem-número de outras histórias, história dos lugares que compõem esta urbanidade, dos lugares de memória que encontram significação na vida dos habitantes deste núcleo urbano. Ao passearmos por uma cidade estranha podemos observar o belo, o diferente, o exótico. Porém ao caminharmos pela cidade que habitamos, em

cada olhar que dirigimos está contida não só a aparência do que vemos, mas também as lembranças que carregamos destes espaços e as histórias que ouvimos e que conhecemos a respeito deste. É o imaginário vivido, ouvido, recontado que nos possibilita significar os lugares onde transitamos. Resgatar cada um destes lugares de memória de uma cidade não é tarefa fácil, mas é

Marlise M. Giovanaz é Mestre em História pela UFRGS, Professora Adjunta do Curso de História da ULBRA.

Endereço para correspondência: E-mail: mgiovanaz@terra.com.br

Textura	Canoas	n. 13	jan./jun. 2006	p.75-81
---------	--------	-------	----------------	---------

o caminho principal para construirmos uma história da cidade que contemple a vivência e os trajetos dos que nela habitam.

Optei neste trabalho em fazer um recorte de um dos mais importantes lugares de memória da cidade de Porto Alegre, o Parque Farroupilha, e traçar sua história no tempo, desde as primeiras notícias até quando se esboça sua forma atual, o ano de 1935 com a Exposição do Centenário Farroupilha. Procuo também elucidar o momento da exposição para melhor compreender a história da cidade e também do Estado neste momento, quando o Parque faz a vitrine do Rio Grande do Sul.

Ao fazermos um recorte geográfico (um parque da cidade) e temporal tão claro, corremos o risco de tornar nossos escritos uma simples organização de datas e de nomes. Para evitar este caminho, preferi a idéia de construir um ensaio, que torna a leitura mais leve, se atreve a algumas liberdades literárias, mas não abandona a busca do fato histórico e nem o desejo de instigar o leitor.

1 OS PRIMÓRDIOS

Achylles Porto Alegre, em seu livro de crônicas de 1941, *História Popular de Porto Alegre*, assinala um item chamado “O Campo da Redenção”, onde coloca que esta região da cidade em meados do século passado apresentava o aspecto rústico de um potreiro. É provável que assim tenha sido. A cidade não contava neste período com mais de 10 mil almas, e o portão de entrada da cidade localizava-se nos altos da Rua da Igreja (atual Duque de Caxias).

A área que hoje comporta o Parque e o bairro Farroupilha consistia em um charco, onde era impossível a habitação humana. Quando da ocupação das terras da capital este território foi considerado área refugada pela falta de condições mínimas. Cercada por duas cadeias de morros, esta baixada formada por um grande banhado, foi doada à Câmara Municipal em 23 de fevereiro de 1807 por Paulo José da Silva Gama, com objetivos bem explícitos: “para os utilísimos e necessários fins de conservação de gados que

matam nos açougues desta vila”¹ (MACEDO, 1973:98). Vale lembrar que o principal matadouro da cidade localizava-se nas imediações de onde hoje se encontra a Praça Garibaldi. Era, portanto, lembrando o cronista, muito semelhante a um potreiro, acumulando o gado que esperava pelo abate e também acampamentos de carreteiros e mascates que vinham comerciar na cidade. Este é um ambiente propício para alimentarmos o mito gauchesco dos acampamentos campeiros, do mundo masculino do fogo-de-chão, das chimarreadas, das jogateadas, das charlas, entre reses e cavalos. Pode ser também a primeira afirmação deste lugar como um espaço público, e por isto, masculinizado.

A cidade crescia, tornava-se a capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e a Câmara Municipal lançava olhares desejosos sobre este terreno. Após algumas tentativas de lotear o terreno, em 1824, o Imperador D. Pedro evita a dispersão da área considerando-a como destinada a exercícios militares. Era o nascimento do Campo da Várzea, onde se localizavam exercícios como o tiro de guerra e outras bravatas de nosso exército imperial.

Quando da Revolução Farroupilha, Porto Alegre é murada e o Campo da Várzea está fora deste limite que seguia a atual rua da República até João Pessoa, e da Santa Casa de Misericórdia até o Rio Guaíba pela atual rua Senhor dos Passos. Com a presença das tropas farrapas, a cidade é sitiada e devido à resistência oferecida pelos militares aos revoltosos, mais tarde a cidade receberá o título imperial de *mui leal e vallerosa*. Foram dez anos de batalha, porém foram acalmados os revoltosos, o Império seguiu seu caminho e o Campo da Várzea também.

Em 1867 é construída a Igreja do Bom Fim e em 1872 inicia-se a construção do Colégio Militar, foram as primeiras edificações na área considerada do parque. Neste período são feitas também as primeiras drenagens no terreno em direção ao Bairro Cidade Baixa, com o objetivo de possibilitar um melhor trânsito na região e também para facilitar a acomodação dos trilhos de bonde que começavam a circular pela Avenida João Pessoa com destino ao Arrabalde

¹A concessão feita por Paulo Gama era de 69 hectares, que iam desde a Praça Argentina até a atual Venâncio Aires. Destes, hoje restam 32 hectares de parque.



do Menino Deus. Este era também o período do abolicionismo na cidade, que acaba na definitiva “libertação” dos escravos negros em 1884 na nossa Província. Em comemoração ao fato o Campo da Várzea passa a denominar-se Campo da Redenção. Não sabemos, não nos chegaram notícias, mas podemos imaginar uma comemoração de liberdade neste espaço amplo e aberto. O que se sabe, e isto é fato, não muito longe do Parque surge a primeira agrupação de negros libertos na cidade, a Colônia Africana, hoje Bairro Rio Branco.

No final do século passado, a parte próxima à Praça Argentina começa a ser ocupada por alguns dos prédios que hoje compõe o Campus Central da Universidade, a Escola de Engenharia e a Faculdade de Medicina (junto à Santa Casa). O Campo da Redenção já oferecia também opções de lazer aos cidadãos porto-alegrenses através de um Circo de Touradas, localizado onde hoje se encontra a Faculdade de Direito. Segundo A. Porto Alegre (1994:90), aos domingos “o circo da Várzea se enchia de uma multidão tumultuária e multicolor”. Outra opção, certamente menos sangrenta, era a demonstração das habilidades ciclísticas no Velódromo da Redenção (onde hoje é a Faculdade de Arquitetura), aí se apresentavam moças e rapazes refinados com suas modernas máquinas e requintados vestidos para a prática do esporte.

No início deste século a parte mais próxima à Praça Argentina é utilizada como sede da Grande Exposição de 1901, localizada no espaço que hoje sedia o Campus Central da UFRGS. Segundo Macedo (1973:105), nesta Exposição compareceram cidades como Pelotas, Caxias, Uruguaiana, Porto Alegre, São João de Montenegro, Santa Cruz, São Leopoldo e São Sebastião do Caí. Constam ainda pavilhões temáticos de agricultura, pecuária, horticultura, de máquinas, de tecidos e de fotografias. Além disso, havia pavilhões para concertos, restaurante, fontes luminosas, etc.. É neste momento que surge a primeira demarcação paisagística na área. Pelas duas seguintes décadas foi muito elogiado e apreciado pelos visitantes da cidade. Os campos foram encantadoramente ornamentados, com canteiros de flores e arbustos. O trabalho se reduziu a área que consistia até a rua Sarmento Leite, além disso, foram construídos um coreto, um teatro e instaladas luminárias. A parte sul do parque, em

direção ao Colégio Militar permanecia sem nenhuma organização, apenas com algumas árvores esparsas. Parecia um bom começo, porém neste mesmo período, na área ajardinada, foram construídos vários prédios que farão parte da Universidade como o Instituto Eletrotécnico, a Faculdade de Direito e o agora inexistente Colégio Júlio de Castilhos. Neste período também a Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da capital contrata o arquiteto João Moreira Maciel para a criação de um plano urbanístico para Porto Alegre. Em 1914 o plano é apresentado, colocava várias sugestões de modificação urbana, traçado de novas ruas, alargamento de avenidas, ajardinamentos; o arquiteto sugeria também um traçado viário na área do Campo da Redenção que o dividiria em nove quarteirões, compostos por nove praças ajardinadas e embelezadas por pequenos espelhos d’água. Em 1926, realça Macedo (1973:109), que algumas intervenções seguindo o Plano Maciel já haviam sido realizadas. As avenidas que ladeiam o parque, João Pessoa e Bom Fim já eram pavimentadas em concreto.

No início da década de 30 o arquiteto Alfredo Agache, oriundo das metrópoles brasileiras, foi contratado para construir o anteprojeto de Ajardinamento do Campo da Redenção. O projeto abolia as vias internas, previa grandes espaços para pedestres, e a construção de um grande lago, a leste, com o objetivo de garantir a unidade dos rincões internos.

2 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA E A CONFORMAÇÃO DO PARQUE FARROUPILHA

A década de 30 revela para o Rio Grande do Sul um novo e importante momento histórico. Getúlio Vargas, saído dos mais altos quadros políticos do Estado, assume a presidência do Brasil, acabando com décadas de hegemonia política do sudeste. O Brasil buscava o desenvolvimento industrial e tecnológico e o Rio Grande fazia todos os esforços para participar desta frente. O ano de 1935 marcava para o esta-



do o Centenário da Revolução Farroupilha, principal fato político e militar dos pagos, era a celebração de nossa epopéia-mor. Aproveitando o apaziguamento dos focos revolucionários do início da década o Rio Grande do Sul se propõe a comemorar o centenário de sua revolução em grande estilo, uma exposição internacional que mostrasse o estado ao mundo e que trouxesse o mundo a ele. Um evento onde era tão importante ver como ser visto por todos. A forma como é resgatada a Revolução Farroupilha é a mais cabível conforme os objetivos do Estado. Segundo a leitura do momento do centenário, a Revolução Farroupilha não foi separatista e sim republicana e federalista, onde o que se buscava era alguma autonomia regional como fuga do poder centralizador do Império (MACEDO, 1973:112). Pois bem, este era um dos momentos em que o povo gaúcho sentia-se profundamente ligado às raízes e à história do Brasil. O momento também foi de referendar algumas lideranças regionais, principalmente a figura do Presidente do Estado, General Flores da Cunha, mas também de Getúlio Vargas e de Júlio de Castilhos.

A Exposição foi projetada como um megaevento, que objetivava vender a imagem do Rio Grande do Sul e de suas potencialidades para o Brasil e o mundo, oportunizar a realização de negócios, seduzir empreendedores principalmente da área industrial e propiciar o mais requintado lazer aos cidadãos participantes. O local eleito para sediar o evento foi o Campo da Redenção, para tanto foi necessário retomar o Plano Agache. O pórtico de entrada da Exposição foi construído próximo ao atual Teatro da Reitoria, ladeando o eixo da avenida central do parque ergueram-se os pavilhões, em estuque, para os estados participantes. O Instituto de Educação Flores da Cunha, ainda inacabado, sediou a exposição cultural. Dois cassinos foram instalados no parque. Foi então que o Campo da Redenção tornou-se o Parque Farroupilha, em homenagem ao centenário da Revolução. O Parque se tornou desde 20 de setembro de 1935 até janeiro de 1936, uma espécie de ilha da fantasia dos porto-alegrenses, capaz de fazer crer a qualquer cidadão em uma modernidade próxima e alcançável. Porto Alegre contava então com 250 mil habitantes, cerca de um milhão de pessoas visitaram a Exposição. A sedução

maior era no período da noite, o parque contava então com uma iluminação seis vezes maior do que a habitual em toda cidade.

As obras de urbanização do parque iniciaram-se objetivando a construção dos pavilhões que abrigariam a Exposição e as necessidades de trânsito interno desta, ficando o Plano Agache sem ser completamente implantado. É só na década de 40 que o parque assume as feições atuais, seguindo o plano do arquiteto Arnaldo Gladosh, que deixou outros trabalhos em edifícios da cidade. Com a derrubada dos pavilhões da Exposição em 1939, Gladosh propõe a criação de recantos típicos no interior do parque (japonês, alpino, europeu) e a fonte luminosa localizada na Avenida dos Estados. A última instalação é o monumento ao expedicionário, em frente ao Colégio Militar, em pedra, que foi doada pelo Exército Brasileiro e comemora a participação dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

3 A EXPOSIÇÃO FARROUPILHA PELA VOZ DE SEU TEMPO

A imprensa gaúcha de 1935 e a organização da Exposição preocuparam-se em promover o evento e em fornecer ao visitante ou turista o maior número possível de informações. No jornal A Federação de 03 de setembro de 1935, página 2, aparece:

A Exposição já está se tornando o ponto de atração mais importante da cidade. Para lá convergem, todas as tardes, multidões de passeantes realizando ali a parada da elegância (...) As nossas classes dirigentes e as mais representativas das nossas atividades também vão convertendo a Exposição no ponto obrigatório de suas reuniões e de seus encontros (...)

Contando com vários anúncios dos expositores, especialmente dos Cassinos que prometiam atrações artísticas de todo o Brasil, os jornais demonstravam a ansiedade com que era esperado o evento. Na página 4 d' A Federação deste mesmo dia se lê:



É admirável o grandioso movimento da metrópole rio-grandense ao aguardar o dia que assinala a máxima data da memorável epopeia farroupilha.

E na contracapa do mesmo jornal neste dia está estampado:

O Brasil com as vistas voltadas para o sul: de todos os pontos do paiz desloca-se uma avalanche de visitantes em direção a porto Alegre.

Especialmente para a Exposição são criados três catálogos, oferecendo um imenso leque de informações sobre a cidade e o evento. O primeiro deles, mais vasto, impresso em cores, com fotografias e reproduções dos lugares da Exposição, chama-se **Centenário Farroupilha: Porto Alegre e a Exposição Comemorativa-20.09.1935**. Este catálogo inicia com uma peculiar descrição da cidade de Porto Alegre:

Ella ahi esta, alegremente debruçada a beira do múrmuro Guahyba, o inspirador de tantos poetas nossos, sorrindo meigamente num amplexo fraterno, a quantos se lhe aproximam, quer entrando por água, no monumental cáes, quer pelos ares, amerrisando no Guahyba, ou aterrissando nos aeródromos dos Campos de Gravatahy, onde a natureza explode em verdes gargalhadas de folhas, brotos e renovos, quer por terra, na risonha estação da via ferrea, trazidos por estes maravilhosos Pullmann, iguaes, em luxo e conforto aos carros das vias ferreas europeas- e Porto Alegre sorri. Sorri acolhedoramente na frescura e belleza de suas praças; no encanto de seus edifícios modernos (...), na belleza de seus pittorescos arrabaldes (...), na alegria sem par de suas praias (...), na hospitalidade sem igual de seus habitantes, no borborinho de suas ruas cheias de vida e de luz." (Página 4)

A imagem apresentada da cidade, como vimos é de muita receptividade, com especial cuidado com os transportes, com a recepção e instalação dos visitantes. A cidade se prepara para sediar este grande evento, os moradores são convidados a embelezar suas casas e passeios públicos, os hotéis da cidade providenciam um maior número de leitos, novas linhas de bonde são criadas. Na página 5 deste catálogo aparece a primeira

descrição da Exposição e de sua importância para a capital:

Cheia de atractivos os mais lindos e variados, a capital do Estado Gaucho offerecera ainda, a 20 de setembro de 1935, um dos mais maravilhosos espetaculos até hoje vistos na terra rio-grandense: a magestosa, a imponente EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA, parte integrante dos grandes festejos que serão feitos em honra e memoria dos heroes gloriosos da epopea farrapa (...) Será a mais bella expressão da cultura sulriograndense que se reune neste glorioso certamen em homenagem aos centauros de 1835 que pela grandeza da Patria Federada sob o regime republicano bateram-se durante quasi dez annos contra todo o resto do Imperio.

Mais uma vez é possível perceber o resgate da história farroupilha não como um movimento separatista e sim federalista e uma tentativa clara de expor ao cenário nacional as figuras históricas consagradas no Estado, juntamente com os políticos da época, como Flores da Cunha, Getúlio Vargas e também o resgate de Júlio de Castilhos. Demonstrando as razões da comemoração e a compreensão que tinham da Revolução, a página 8 do catálogo apresenta:

Lembra o 20 de setembro o dia que, cansados de tanto soffrer punições e injustiças, o Partido liberal, chefiado pelo Grande Bento Gonçalves da Silva, deu início ao movimento armado entrando na capital da Província e estabelecendo nella, o governo revolucionario, obediente, porém, aos princípios monarchicos.

Os empreendedores da Exposição do Centenário Farroupilha foram o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, a Federação das Associações Rurais e o Centro da Indústria Fabril. A monumentalidade das construções e da iluminação foram colocados como os grandes trunfos da Exposição. A inauguração da arborização e reforma do parque é outro ponto de apoio. O catálogo aproveita o ensejo para falar das consagradas e típicas festas da cidade (Navegantes e do Divino), do sistema financeiro da cidade e da capacidade hoteleira da capital. Por fim aparecem mapas detalhados da cidade e da própria exposição.



Outro material ilustrativo que é possível encontrar refere-se ao **Album Oficial da Exposição do Centenário Farroupilha**, organizado por F. Bellanca, que traz a figura de cada pavilhão construído para a Exposição, acompanhado de anotações das dimensões de cada um, do material utilizado para a construção, das influências arquitetônicas e da utilização na Exposição.

O Catálogo Oficial, rico em imagens fotográficas, impresso pela Livraria do Globo, é chamado Catálogo Geral (Oficial) e Guia do Touriste da Exposição do Centenário Farroupilha. Traz nas primeiras páginas fotografias dos organizadores do evento, com destaque para o Presidente do Estado o General Flores da Cunha. Traz também um mapa da cidade indicando os hotéis, as linhas de bonde e os edifícios públicos. Consiste em um guia prático para turistas indicando locais para desembarque de bagagens, uma lista de hotéis e respectivos preços, preços de corridas de automóveis, mapa da Exposição descritivo com detalhes de cada pavilhão. Divulgado já no transcorrer da Exposição, apresenta fotos da cerimônia de inauguração, com destaque às autoridades presentes. Segue um indicador dos pontos mais aprazíveis da cidade e das opções de lazer. Por último, exhibe as premiações na exposição agropecuária e reclames dos patrocinadores do evento.

Para termos uma imagem mais nítida do evento vale passar os olhos nos jornais do dia da véspera da inauguração da Exposição do Centenário. Na página 6 do jornal A Federação do dia 19.09.1935 aparece em manchete:

Ave Rio Grande!- Corações ao alto! Glorificando o heroísmo de nossos maiores." E a seguir: "Porto Alegre, centro de atração para o povo brasileiro na data de maior comemoração rio-grandense. Para a maior festa que já se promoveu na capital rio-grandense comemorando o primeiro centenário da Revolução Farroupilha, Porto Alegre está preparada em grande gala, sendo impossível de se descrever tudo o que se vê e o que se sente ante os milhares e milhares de almas que aguardam a magna festa de amanhã dentro da cidade engalanada e festiva.

O povo e o governo estão empenhados em que os próximos dias sejam de grande vibratidade, con-

tribuindo a população inteira para a alegria geral e o brilhantismo da magna comemoração.

Na mesma página o periódico faz um levantamento muito ilustrativo dos interesses do evento, numa linguagem e projeção que faz do trecho um texto moderno e de vocação futurística:

Um certamen que será uma grandiosa demonstração de pujança econômica e desenvolvimento cultural.

O magnífico certamen comemorativo do Centenário Farroupilha será inaugurado amanhã. Vai abrir-se á visitação pública uma pequena cidade, cheia das maravilhas arquitetônicas e de altas manifestações de progresso econômico e desenvolvimento cultural, construída para celebrar a passagem da grande data evocativa que festejamos.

A Exposição Farroupilha se ergue, magestosa e deslumbrante, na graça e na grandiosidade das linhas modernas de seus pavilhões, num conjunto estupeiando que impressiona, desde o pórtico monumental, pela originalidade e a expressão artística de seu aspecto geral. A só visita do recinto da Exposição constitui um encanto pela diversidade das criações arquitetônicas que ali foram reunidas. Cada pavilhão é uma expressão diversa, e não raro bizarra, de estilo moderno.

Pela primeira vez o nosso povo vai apreciar uma grande e deslumbrante manifestação das maravilhas que a arquitetura moderna pode realizar, com a simplicidade harmoniosa dos motivos e a riqueza da sua policromia e de seus deslumbrantes efeitos de iluminação. (...)

Após este encantamento de conjunto abre-se aos visitantes a maravilha do interior dos pavilhões com seus inúmeros stands onde está demonstrada a potencialidade econômica do Rio Grande do Sul, de outros estados e da indústria estrangeira. (...)

A Exposição Farroupilha não será apenas uma prova estupeiada de como sabemos honrar nossas tradições e cultivar a memória de nossos grandes homens, será também uma demonstração empolgante da capacidade realizadora de um povo, da pujança econômica que alcançou e do alto nível cultural a que atingiu.

Toda a organização e a propaganda realizadas pela comunidade gaúcha não decepcionaram, o evento pode ser considerado



como um dos mais importantes e participativos da história rio-grandense. O Presidente da República, Getúlio Vargas, participou da cerimônia de inauguração juntamente com boa parte de seu *staff*, lideranças brasileiras e dos países vizinhos também se fizeram presentes. Durante o período de 20 de setembro de 1935, a janeiro de 1936, a Exposição recebeu cerca de um milhão de visitantes, o que correspondia a quatro vezes o número de habitantes da cidade. O sucesso porém, não impediu novas releituras da Revolução comemorada, visto que décadas depois Porto Alegre veio consagrar em seu brasão o título recebido durante a Revolução Farroupilha de *mui leal e vallerosa*, por sua resistência às tropas farrapas e lealdade ao poder imperial. Nem mesmo o nome do Parque Farroupilha, recebido naquele momento vingou, até hoje o “apelido” carinhoso de Redenção pode ser escutado nas mais diversas partes da cidade e encontrado no coração dos porto-alegrenses. O Parque Farroupilha foi, no ano de 1997, tombado pela Equipe do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural da cidade de Porto Alegre e agora é considerado um monumento municipal. Graças à sua manutenção como um parque aberto e aos eventos que sedia como o já consagrado “Brique da Redenção” todos os domingos, ele faz parte dos caminhos e memórias de grande parte da população da cidade.

REFERÊNCIAS

- CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.
- HISTÓRIA Ilustrada de Porto Alegre. Encarte publicado no Jornal Zero Hora entre ago./out. de 1997. Editor responsável: Elmar B. da Costa.
- MACEDO, Francisco Riopardense. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.
- _____. *Porto Alegre, história e vida da cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973.
- PORTO ALEGRE, Achylles. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1994.

Documentos

Catálogos e Álbum da Exposição do Centenário Farroupilha pesquisados na Biblioteca Valter Spalding do Museu Joaquim José Felizardo.

Jornais *A Federação* e *Correio do Povo* de agosto, setembro e outubro de 1935 pesquisados no Arquivo Histórico Municipal Moisés Vellinho.



